

29 JUNHO
1925

== ANO 1.º - NUM. 5 ==

P EÇO
1\$50

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director politico

■ PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN" ■
■ Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA ■

F. VALENÇA
Director artistico

OS NOVOS PAVIMENTOS



O arqueologo Matos Sequeira colhendo apontamentos para o seu novo livro:
Lisboa depois do terramoto executivo de 1925



As giboias da Republica e a miséria dos funcionários publicos

TENHO aqui debaixo de olho, para o que for conveniente, o grafico das giboias. É um mapa circunstanciado, meticoloso, exactissimo, — principalmente edificante! — das pitanças e benesses que um grosso bando de maiores da politica manduca e digere em lugares do Estado, ou em situações onde por influencia dele se amezendam, ou nuns e noutros cumulativamente, pois há por ai voracidades que não sentem nunca o papo bem farto, capacidades estomacais de elastica e indefinida amplitude...

Giboias lhes chamei. O nome é talvez inexpressivo. A giboia, quando infunde um boi pela bocarra a dentro, deixa ficar de fóra, á laia de palitos de Lorrvão, as hastes do animal sacrificado. Mas os glutões da politica excedem-nas. São capazes de triturar e de assimilar os proprios chifres deste placido boi que é o Paiç — tão placido que não lhes marra senão a espaços, no redondel da Rotunda, depois de muito acirrado, o mansarrão...

A que proposito trouxe eu isto? Como ameaça? Longe de mim tal intenção, oh almas pulcras! A lista dos gastronomos e o rol dos competentes e pingues arraçoamentos virão a lume, sem que falte um só dos papões e sem que manque um unico centavo, logo que me dê na real tineta. Real, de res, rei, a coisa, o existente, o concreto. Virão para o soalheiro da publicidade, implacavelmente, inflexivelmente, sem que nenhum patrocínio o iniba, nem mesmo o de Santa Rita, que é advogada dos impossiveis.

Se me referi a esta reedição dos banquetes de Luculus foi tão só (por emquanto) para estabelecer contraste com o bando de famintos a que oficialmente se chama: o funcionalismo publico. O funcionalismo publico é hoje, em Portugal, o grande jejuador, o grande Succu. Como é que esta classe de gente consegue realizar o prodigio de viver e de aguentar-se, numa quaresma abstinente e sem fim? Eis um milagre autentico!

Por inacreditavel que pareça, digo a verdade: Conheço um major de infantaria, com mulher e nove filhos, que nada mais ganha além do soldo. Pois, nessa familia heroica, ainda ninguem morreu de fome... Ninguém! Palavra de honra! Sustentam se, presumivelmente, do cheiro das cozinhas proximas, á similhaça dos lendarios aromófagos, a quem Camões fez alusão numa formosa redondilha:

Escrevem vários autores
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flôres
Que nascem daquele monte.

Á parte alguns quadros de funcionários apinguados: — os dos correios e telegrafos que teem pai alcaide, o Sr. Antonio Maria da Silva e da Pêra; os do Congresso, que são afilhados dos pais da Patria; e os da Caixa Geral dos Depósitos, onde o Sr. Amancio Alpoim demonstra, com a lição dos factos, que o capitalismo é um mal, mas que ha males que veem por bens — os restantes, os officiais, os magistrados, os professores, os dos cortiços do Terreiro do Paço, os mangas de alpaca provincianos, et alteri, estão a dieta, a dieta quantitativa, pois quanto á qualidade isso é bom para sibaritas...

Aqueles a quem incumbe o inadiavel problema de dar de comer a quem tem fome são, com algumas excepções dignificantes, precisamente os da boca cheia: — os giboias.

E como verifiquem que a injustiça se vai tornando clamorosa e que ameaça tornar-se imperativa, interrompem, contrariados, o seu afanoso trabalho mandibular e exclamam:

— Mais dinheiro?! Mas vocês não veem que seria preciso estampar mais notas, mais fiducia? E prometem que estudarão o assunto, á cata de solução melhor. E depois desta resposta dilatória, reentram logo nas delicias do repasto in-

terrompido. E enquanto o esmóem, vão conversando com os seus botões:

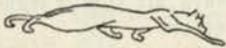
— Lá quanto aos paisanos, bem está. São vozes no deserto, vãos clamores.. O peor é a tropa, a tropa é que é o diabo...

A perspicacia destes legisladores, destes governantes, desta sucata de estadistas não vê mais longe... Para eles o facto de transformarem em inimigos do Estado os proprios servidores do Estado, isto é, os elementos de ligação entre o poder central e o País, é coisa de pouco mais ou menos, é uma futilidade, uma insignificancia, uma casca de alhos! Ora averiguem a preceito o que, pelas repartições publicas, se vocifera deante dos proprios chefes — que tem de ouvir e calar, porque a disciplina e a miséria nunca foram conciliaveis — e neguem lá, se de tanto são capazes, que a bolchevisação do funcionalismo não está em vesperras de realidade...

Quanto á tropa:

Se ela, pela força das circunstancias (o diabo seja surdo!) vier ali abaixo ao ministerio das Finanças, em passeio militar, o que acontece? Ah, nesse caso, os estadistas dão... Até dão, quando isso fôr, muita mais roupa á lavadeira...

A. L.



Çimas, a edição definitiva do Marquês de Pombal

Da pasta salvadora do Fomento,
Qual é o estadista excepcional?

Que génio, que Messias, que portento
Brotou neste cáotico momento?

Qual?

Quem muda em alcatifas as estradas
Escalavradas
E as obras públicas em obras primas?

Pois é o coronel Ferreira Çimas,
Tição morticho alcandorado em Phébo
A arder por sobre as nacionais cacholas,
Qual lamparina cujo azeite é borra...

Ora cebo!

Ora bolas!

Ora... oxalá que este homem nunca morra!

JACOB INO.

Dr. Abilio Marçal

O Dr. Abilio Marçal, abraçando a Republica, num sincero amplexo, foi um bom republicano. Beirão, amou como ninguem o seu torrão natal, Sernache-do-Bom-Jardim. Advogado, foi distinto no fóro. Director do Instituto de Missões Coloniaes, nele criou uma grande obra. E essa obra



A. M.

(Falecido em Sernache-do-Bom-Jardim)

foi o engulho, o osso atravessado nas guelgas da reacção catolica. Com os gorgomilos obstruidos, a reacção ultimamente uivou sibilante. Não conseguindo atingir o Dr. Abilio Marçal na honra, empeçonhou-lhe todavia os ultimos dias de vida. Com o passamento do adversario a reacção julgase triunfante. Hoje há quem pense mesmo numa restauração do antigo Colegio de Missões Ultramarinas, dirigido por padres e fabricando padres para exportação africana. Querem civilisar o preto com latim e rosarios... O sr. Ministro das Colonias que revista de todos os cuidados e cautelas a nomeação do futuro continuador da obra do Dr. Abilio Marçal. Os padres do Espirito Santo e outros, espreitam a presa...

Paz ao saudoso morto.

CARLOS SIMÕES.

Lopes ou a Vitoria da Esquerda

CONHECEM o Lopes com certeza: aquele velho republicano, que nos tempos da propaganda foi sempre um indefectivel progressista.

Pois o Lopes, que é hoje uma força politica em Esturrados de Baixo, foi nomeado delegado ao congresso do P. R. P. pela comissão parquial de que é presidente. Aceitou com alvoroço a missão, porque Lopes de ha muito acalentava o desejo de ver Lisboa e de verificar se o sr. Antonio Maria da Silva era tão feio, como o pintavam os caricaturistas.

A despedida do Lopes, no apeadeiro que serve Esturrados de Baixo, foi, a um tempo, solene e comovedora, como parada de forças democraticas da freguezia e como vale de lagrimas da familia.

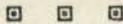
— Dê lá um abraço aos correligionarios! — pedia o regedor, enquanto esperavam o comboio.

— E toma-me cautela com os vigaristas, que dizem que são mais que as mães, lá em Lisboa...! — recomendava a mulher do Lopes.

— E não se esqueça de perguntar ao sr. Germano Martins se o sr. dr. Afonso Costa recebeu, em Paris, aquele cestinho de queijos, que nós lhe mandámos o ano passado — recomendava tambem o secretario da comissão parquial.

Lopes a todos atendia, solícito, e ia recolhendo de cada um dos seus numerosos filhos o beijo que eles enviavam, em retribuição, ao sr. dr. Bernardino Machado.

— Deus queira que não haja sarrabulho — dizia M.^{me} Lopes. — O nosso compadre ferrador ainda ontem leu no jornal que logo na primeira sessão do congresso havia um Desaguisado na presidencia.



Emfim, Lopes chegou a Lisboa e embora não seja homem para se admirar com pouco, a verdade é que se surpreendeu do pouco que fizeram da sua qualidade de delegado ao congresso, porque na estação não estava nem meio correligionario á espera do representante de Esturrados de Baixo. Lopes encavacou e deixou-se conduzir para o hotel, como quem vai para a forca.

Lopes trazia uma orientação politica definida: a victoria dos *bonzós*, em homenagem ao chafariz com que o sr. Rodrigues Gaspar consolidara o prestigio do partido em Esturrados de Baixo. Para ele, *bonzós* era uma espécie de plural de bom, porque chamava sempre aos *canhotos* os *mausos* e além disso amava as direitas sobre to-

das as coisas e o sr. Antonio Maria como a si mesmo.

O primeiro dissabor politico sofreu-o Lopes no hotel, quando lhe distribuiram o quarto em que deveria dormir os seus agitados sonos de congressista democratico.

— É o n.º 15, no primeiro andar, á esquerda.

Lopes ainda argumentou que não era canhoto, mas não conseguiu obter um alojamento á direita, porque os quartos dêsse lado estavam todos occupados, para disfarçar, por um carregamento recém-chegado de amigos politicos do sr. dr. José Domingues dos Santos.

Em seguida, Lopes foi almoçar, e durante o almôço embeberrou porque o criado lhe serviu o bife e os ovos pela esquerda.

— Irra, que perseguição esquerdistista! — pensava Lopes, subindo a rua do Carmo, á procura do elevador de Santa Justa, de que na terra lhe tinham falado como da oitava maravilha do mundo.

— Obra assim importante — magicava Lopes — não pode ser senão da direita.

Nova e tremenda decepção! O elevador lá estava, mas á esquerda.

Furioso com o predominio da esquerda, que áquella hora gosava até o privilegio de ter sombra e de por ela ir deslisando um cortejo de mulheres bonitas, Lopes dobrou a esquina da rua Garrett e eis que os seus olhos espantados vão bater, como duas pedras certeiras, numa taboetasinha de ferro, aparafusada na coluna dum candieiro: «Seguir pela esquerda».

— É o segues! — exclama Lopes, entalando bruscamente o guarda-chuva debaixo do braço. — Cá para mim propagandas destas não pegam.

E resolutamente atravessa a rua, esboça uns passos de *fox-trot* diante dum automovel que descia, beija respeitosa e no focinho os cavalos dum *coupé* que subia e instala-se no passeio fronteiro, contente por ferrar aquella partida aos *canhotos*.

Tres passos andados, novo candieiro, com nova placa de ferro. Lopes pára e dispõe-se a lêr a taboleta, convencido de que vai encontrar uma frase de propaganda a favor dos *bonzós*, qualquer coisa como: «Votar na direita».

Mas... maldição! — como se diz nos romances a fasciculos — a nova taboleta é tambem ca-

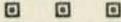


nhota, porque lá está na placa, implacavelmente escrito: «Seguir pela esquerda».

Lopes sobe, pelo meio da rua, o resto do Chiado. As fontes latejam-lhe, zunem-lhe os ouvidos, sente que os seus princípios políticos têm os cabelos todos em pé.

Entra na «Brazileira», encomenda um café-sinho restaurador de energias.

Oh! é demais para um Lopes só! O criado, decerto vendido aos *canhotos*, traz-lhe o café numa chavena que tem aza do lado esquerdo.



Longo seria descrever como é que Lopes, á saída da primeira sessão nocturna do congresso, se encontrou num clube, a comer uma *omelette* de camarão, tendo por parceira de mēsa uma criaturinha airosa que para Lopes só tinha o defeito de ser muito pestanuda, o que a suspeitava de correligionaria do Pestana Junior.

Lopes esquecia por ela a mastigação dos crustaceos e tendo-lhe mostrado a carteira bem provida, recebia em meigos olhares, doces sorrisos e ternas palavras, promessas de amor infindo.

Afagando-lhe sobre a toalha a mão de afilados dēdos, adornados de joias falsas, Lopes quiz saber como se chamava o «seu amorzinho».

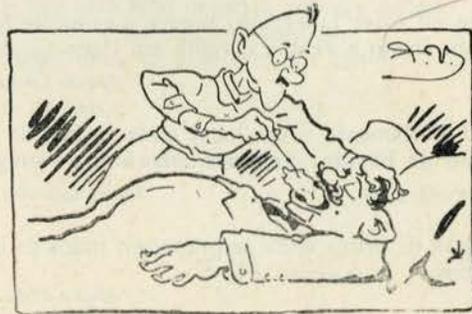
— Vitoria — disse ela, trincando migalhinhas de pão.

Diabo!... Que coincidência azarenta!... A mulher de Lopes, que lá ficára em Esturrados de Baixo, tambem se chamava Vitoria e isto era uma especie de remorso vivo...

— És «trouxa»...! — disse a rapariga com infinita meiguice. — Que tem isso? Tens lá na terra a Vitoria da mão direita e eu fico sendo a Vitoria da esquerda.

Lopes nem teve tempo para dizer «não me digas isso nem a brincar», porque caiu suficientemente fulminado com uma congestão, a unica manifestação cerebral que ele teve em toda a sua vida.

Transportado num carro da Cruz Vermelha ao banco do hospital, o medico de serviço limitou-se a verificar o obito e a tirar-lhe da boca a ultima prestação da *omelette*.



O cadaverico Lopes foi enviado, como encomenda postal, para Esturrados de Baixo, onde a junta de freguezia lhe fez funerais nacionais, em ponto pequeno, justa homenagem ao velho republicano que, nos tempos da propaganda, foi um indefectivel progressista.

E. FIÉCE.



Severo Portela

«CANTARES D'AMIGO» — Livro escrito com muita gramatica e com muito coração. Assim como D. Diniz se estarrecia perante o palminho belo de cara com que adregasse de topar, Severo Portela desbarreta-se ante o que ha de lindo em Portugal. Nada de derrotismo, antes pelo contrario. «Cantares d'Amigo» confia a valer no esforço do lusuado!

Severo Portela, portanto, só é severo com os desmandos dos que adulteram a arte de escrever com correção. Purista, vernaculo, esmiuçador dos dizeres do povo, «Cantares d'Amigo» é um livro portuguez. Podemos, pois, tambem declarar que é portela sempre fechada á invasão de elementos que barbarissem a lingua castiça do Bernardes, mais do Antonio Vieira, mais do Camilo.

Quem quizer sentir-se dentro do espirito nacional abre os «Cantares d'Amigo», em boa e fina edição de papel portuguez. Os beirões e os tripeiros são postos por Severo Portela em duas condecinhas muito embrincadas. O mesmo succede ao Santo Antonio, mais ao Camões. Rescende a cravos do mez de Junho o portuguezissimo volume «Cantares d'Amigo», que tanto parece estar dizendo a cada pagina: — viva Portugal, linda terra de ternura, de emoção, de encantos. Ha nele muita e desabalada alegria. Ouve-se atravez dele o som das violas em plena romaria. Embora a meio da festa Severo Portela ponha o Bandarra a falar... ele não profetisa ao paiz qualquer calamidade. Amigos todos, nos «Cantares» de Severo Portela, livro de clara e sadia prosa nacional.

Opiniões sobre o Parlamento

O Parlamento é um pretexto para eu dizer vinte vezes por hora — *o paiç portuguez.*

Jaime de Sousa.

Se eu fosse taberneiro punha o ramo de loiro em S. Bento e vendia o vinho em Paris.

Afonso Costa.

O Parlamento é um lugar onde se fala de negocios do Estado... em voz baixa com os amigos.

Nunes Loureiro.

Casa de bruxa onde se preparam todos os maleficios.

Moura Pinto.

Local onde se fala em voz alta enquanto os outros discursam.

Francisco Cruz.

Unica loja onde se vendem bolos de quinze dias sem que os freguezes protestem.

O homem do bufete.

Parlamento — invenção para fazer falar quem não é orador.

Baltazar Teixeira.

Instituição monarquica que os republicanos perfilharam para que os monarchicos possam dizer mal da Republica, sem perigos de maior.

Carvalho da Silva.

Posição onde assestei as minhas baterias contra Roma, contra os frades e contra Deus. Eu puxo o gatilho mas quem regula o tiro é o José Domingues.

Sá Pereira.

Especie de casa de passe onde se levam alferes ingenuos por engano.

Garcia Loureiro.

Instituição inventada por mim. O que ali cai nunca mais anda.

Rodrigues Gaspar.

Um paradoxo. E' preciso o barulho da campanha para que haja silencio.

Domingos Pereira.

Parlamento: — relógio onde as tres horas soam ás quatro e meia.

Cancela d'Abreu.

Quando entro em S. Bento cruzo os braços para que até a mão canhota me pareça da direita.

Antonio Maria da Silva.

Unico sitio onde sou *alvo*... das piadas de Sá Pereira.

Lino Neto.

Alcacer Kibir onde cada um de nós se sente D. Sebastião. Mas hade chegar a nossa manhã de nevoeiro.

Ginestal Machado.

Local que seria de prazer se não houvesse deputados com a mania do *sport* e má pontaria.

Afonso de Melo.

Campo de experiencias da minha nova invenção da palavra sem som.

Correia Barreto.

Um terramoto!

Joaquim Crisostomo.

A casa com peores condições acusticas que conheço: cá em baixo não se ouve nada.

Ferreira de Mira.

A casa com peores condições acusticas que conheço: cá em cima não se ouve nada.

Carlos de Vasconcelos.



«A Seara»... alheia

O valente grupo de moços de forcado que dá pelo *sobriquet* de «Seara Nova», seara que já tem dado algumas espigas ministeriais, ao que se diz arranhou capitalista com trezentos contos disponiveis para fazer brotar quinzenalmente a dita «Seara», na alternativa dum diario ao alcance de todas as bolsas.

Mas para que precisará a «Seara» de todo aquele «milho», se ela, como empresa editora, se arranja por forma a gosar a situação privilegiada de não só não ter coleira, como publicamente se gaba, mas tambem de não pagar imposto?

Não poderia o premeditado jornal sair a publico pela mesma fresta por onde veem para a luz da publicidade as obras dos «seareiros»?

Não façam cerimonia...

O "raid" Almeida Pinheiro

O ex-capitão aviador Almeida Pinheiro, ausente em parte incerta, envia-nos a seguinte carta, em que transparece o desalento de um heroe que, á semelhança de Scipião, o Africano, pôde justamente dizer ao seu pai: «Ingrata Patria, non possibedis ossa mea!» A carta é em verso: sabe-se que o ex-capitão aviador só não compôs os «Luçadas» por Camões se ter atravessado. Injustiças do destino!

Amigo redactor :

Venho pedir licença,
Caso não leve a mal,
Para, no seu jornal
(A coluna mais forte e a pedra mais macissa
Deste vasto edificio a que se chama Imprensa)
Me poder ocupar dum caso de justiça.

O caso é este: um dia
Tive um sonho de glória,
E resolvi pagar-me a louca fantasia
De ocupar um lugar tambem na nossa História.

Estudei longamente um *raid* colossal,
Uma proeza enorme, uma audacia sem par
Que fosse celebrada em todo o Portugal
D'aquém e d'além-mar...

Mas não basta dispôr de rendilhado estilo,
Só com palavras não se assombram multidões;
Precisava tambem de possuir aquilo
Com que se usa comprar as peras e os melões.

O resto é já sabido.

Fui a um cheque, assinei-o em vez do Vitorino,
Tratei de o carimbar como se fosse o adido
E mandei-o cobrar ao Banco Ultramarino.

Digam-me agora, meus senhores:—sem desprimôr—
Sendo eu aviador
Que quieram que eu fizesse, ao receber o bago?
Voar, está bem de vêr.

O cheque estava pago,
O vento, de feição; do nosso C. E. P.
Nem um par de lençoes restava a liquidar.
Ficar? Sim, para quê?
Que tinha eu que ficar?

Por que estava em Paris, despedi-me à franceza.
E como, com franqueza,
Não sou nenhum palonso,
Até me dispensei de ir abraçar o Afonso.

Parti. Voei. Aonde fica o *raid* Saccadura?
Durou tres mezes só, — o meu ainda dura,
E o Lisboa-Macau? E o Lisboa-Bolama?
Nenhum atinge a fama
Que o meu nome alcançou.

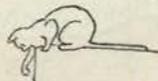
Vamos, digam-me lá se já alguém voou
Com esta prontidão e esta velocidade?

Ingrata sociedade!

Não ganhei, podem crer, nem mesmo p'ro petroleo
E o que me dana mais
É ver essa fatal injustiça em que andais:
Para uns, o Capitolio,
Para mim, se apar'cer, um canto do Limoeiro.
É demais.

Mande sempre o

ALMEIDA PINHEIRO.



Marques ou Marquês?

Os pavimentos levantados e os precipicios abertos nas ruas de Lisboa dão a toda a gente a impressão de que a cidade foi devastada por um terramoto. O que ninguem sabe é que esse espectáculo foi preparado e dirigido muito habilmente pelo ilustre presidente da comissão executiva da Camara Municipal, sr. dr. Marques da Costa, que deseja passar da absurda designação de Marques para a gloriosa categoria de Marquês. Desejando tambem reconstruir a Baixa, e á falta dum terramoto autentico, o sr. dr. Marques da Costa ordenou capciosamente a acumulação de bastantes ruinas nas arterias principais da cidade, para usufruir a gloria de as mandar reparar. Assim, por este processo original e expedito, s. ex.^a conquista o direito de ser, na verdade, o novo Marquês... da Costa.

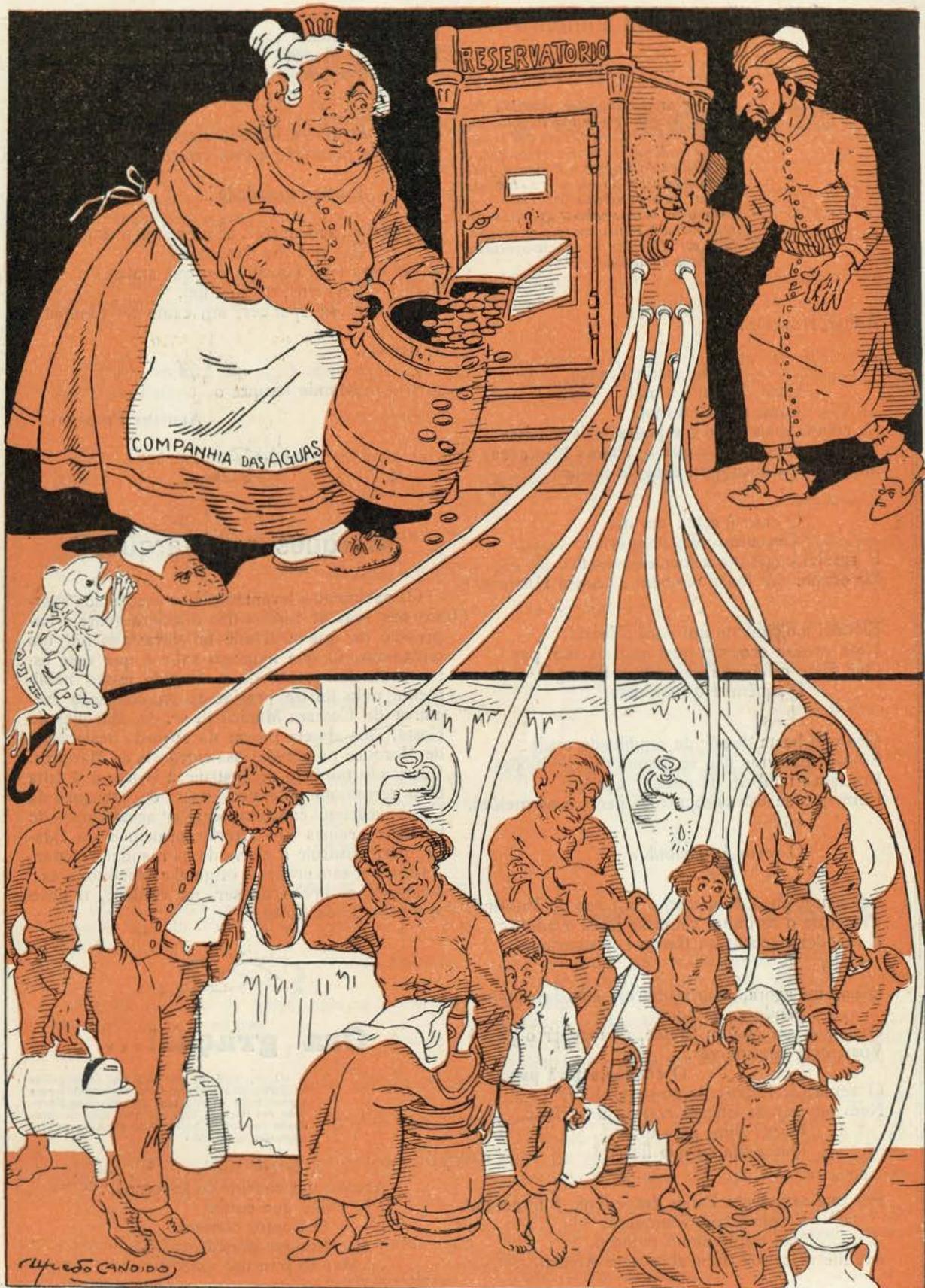


Ora graças!...

«O sr. ministro dos Negocio's Estrangeiros telegrafou ao sr. Afonso Costa convidando-o para a presidencia da delegação portuguesa na Sociedade das Nações, lugar que tinha sido desempenhado por João Chagas. O sr. dr. Afonso Costa respondeu aceitando.»

Disse que sim!...
Aceitou um convite do governo!...
Até que emfim
O Doutor consente
Em ser presidente...
...Mas só p'ra uso externo!...

Lisboa à sêde...



A unica Fonte:—A fonte de receita...

O peixe caro



ELA: — E' como lhe digo, tio Fañeca: nós também **sems** fôrças vivas...
e da costal

C. M. L.

O sr. Presidente baralha as cartas. Em volta, os dignísimos vereadores, contam as *fixas* das bandejas e ageitam os cinzeiros.

— Está aberta a sessão! — diz o sr. Presidente estendendo as cartas em leque sobre a meza. — Dás tu!

O vereador dos cemiterios, baralha e distribue as cartas.

— Vocês sabem — diz o vereador dos incendios — anda para aí tudo contente com a ideia do Metropolitano! Que é trunfo?

— Paus! — respondeu o vereador das limpezas. — Essa do Metropolitano só lembra ao diabo! De quem é o valete?

— Meu!

— Metropolitano em Lisboa! Só se nós estivessemos doidos! O az de trunfo! E então a Companhia dos electricos ja nisso? A vaza é minha! Para que é ela ingleza?

— E os do Metropolitano davam passes à gente?

— E o davas!

— Corto! Trinta e seis e cinco, quarenta e um!

Venham de lá duas *fixas* de cada parceiro! Dou eu!

— E os jornais não repondarão?

— Ora! Se a gente não os lêr, é como se não dissessem nada! Peço licença!

— O que eles têm dito do calcetamento?! E no entanto eu cá por mim... Passo!

— Este camarada está sempre feito! E a questão da agua?! Parece que a população tem sede!

— Que beba vinho! Não somos nós um paiz de vinhateiros?! Bólo!

— Natural?

— Não! Tem furo!

— Vamos a ele! Vejam lá vocês se alguém já fala na questão dos *gaioleiros*! Pudéra! Passou de moda! Paus!?! Tenho o Rei á terceira!

— Então manda-o para a Guiné! Irra! Caças-me sempre!

— De quem foi aquela ideia de mandar pôr quadrados de chocolate na Rua do Ouro?

— Foi do Ferreira! É uma homenagem ás nossas colonias! E creio que agora vai mandar forrar a Rua Augusta com bocados de côco!

— Fala lá!

— Passo!

— Passo!

— Dá tu!

— Já estou sem *fixas* na bandeja!

— E eu!

— Aqui o camarada está hoje com uma sorte!

— Peço licença!

— Prefiro!

— Joga!

Subitamente, o sr. Presidente faz uma cara de grande espanto, poisa as cartas e exclama:

— O rapazes! Agora me lembro que nós reunimos para tratar dos interesses da Cidade!

— É verdade!

— E nós que não nos lembravamos disso!

— É preciso mostrar á população que aqui trabalha-se!

— Apoiado! Joga lá e vai falando!

— A manilha de paus! A opposição diz que não fazemos nada!

— Intriguistas! Corto! É preciso mostrar a essa gente que estamos atafalhados de ideias!

— Apoiado! Felizmente isso é que não falta por cá! Olha, tenho o az sêco!

— Portanto toca a pensar! Joga lá! É preciso uma grande idéia para deixar tudo de cara á banda! A vaza é minha!

— Tu não tens aí uma grande idéia?

— Tinha mas partiu-se! Ganhei!

— Tenho eu uma! — disse o vereador dos cemiterios que tambem é poeta: — Proponho que toda a gente que vai visitar os mortos seja obrigada a decorar o *Noivado no Sepulcro*!



— Está bem! Que é uma ideia teza; Jogo a dama!

— Tenho tambem uma grande idéia! — disse o vereador dos incendios: — Proponho que em vista de haver pouca agua, se faça o seu aumento!

— Fixe! A água passa a custar mais vinte mil réis o metro!

— Bólo!

— Outra vez?! Assim não jôgo!

— Nem eu!

— Então encerro a sessão! Demais a mais é meia noite e meia hora e não quero perder o carro!

— Bem! Quando ha agora sessão?!

— Queres levar o dinheirinho á gente, hein!

— Amanhã, se vocês quizerem!

— Está fixe!

— Dize lá ao continuo que faça a nota officiosa e que a mande para os jornais! Boa noite!

— Os jornais! Ainda são capazes de dizer que nós não fazemos nada!

ANDRÉ GODIM.



Um numero

A politica, sobretudo na sua fôrma caseira de politiquice, assume por vezes aspectos pitorescos pela naturalidade impudica com que traz para a publicidade as chinelas e o roupão do serviço domestico.

Agora, por exemplo, com este caso da demissão do governador civil do Funchal tem sido um estendal de roupas intimas, uma série infeliz de argumentos e frases familiares dos cavacos politiquiceiros, chegando-se ao ponto de as proprias notas officiosas tratarem os deputados da Madeira pelos «Irmãos Olavos».

Francamente, como expressão officiosa, esta designação é dum ridículo absolutamente infeliz e que atinge a Madeira, os deputados em questão e o governo que da frase se serve. Quando menos, lembra um numero de programa de circo: «Irmãos Olavos — Forças combinadas».

Faltas

TEM faltado o pão nas padarias, a agua nos canos, a resignação em alguns espiritos e o juizo em bastantes mioleiras, mas para todas estas faltas se encontra justificação em motivos de ordem material ou psiquica. O que se não justifica, porém, é que haja falta de numero na Camara dos Deputados, quando se está a dois dias do fim do ano economico e ainda não ha nem uma lasquinha de orçamento aprovado.

Pois compreende-se que se tenha prorrogado a sessão legislativa para que os senhores deputados não vão á Camara? O melhor e o mais economico é fechar o seio da representação e mandar para casa os porteiros, a digerirem em familia aqueles vencimentos que fazem crescer agua na boca a juizes, capitães e outros infelizes servidores do Estado, que não tiveram a dita de serem continuos do Congresso.

Para o Banco

Os jornais dão guarida ao boato de que, para a vaga de secretario geral do Banco de Portugal, será nomeado o sr. Velhinho Correia.

Pessoas que facilmente se surpreendem, boquiabrem-se em espantos perante esta nova e lan-

çam aos quatro ventos esta interrogação pasmada: «Mas porquê, o Velhinho?»

Ora vamos... As indicações concorrem na pessoa do indigitado futuro secretario geral. Pois não é ele o autor da «Valorisação do Escudo», volume de mais de duzentas paginas? Um homem que valorisa o escudo, mesmo á pena, é pena não ser aproveitado no Banco, que emite os escudos imperfeitos que todos nós conhecemos.

E depois, como Velhinho, embora Correia, o seu lugar é num Banco, porque os senhores hão de ter notado a tendencia que os velhinhos tem para os bancos .. dos jardins, em manhãs de sol.

Contrastes

A vida está pela hora da morte e na vespera de S. João estiveram na Praça da Figueira cerca de treze mil pessoas.

A crise de trabalho é grande e em numerosas ruas de Lisboa se armaram arraiais, com filarmónicas a conto de réis por noite e fogo de artificio a tres escudos por foguete doutras tantas respostas.

O commercio geme, a agricultura estiola-se, a industria definha e por esse país fora, do Minho ao Algarve, tem sido um regabofe pegado de romarias e festas aos mais desconhecidos santos do calendario.

Conclusão: é pena um país de tão bom humor ser governado por tão tristes homens publicos.

Legiões

A policia ainda não averiguou definitivamente se estava ou não para constituir-se uma *legião vermelha feminina*, cujo objectivo seria a liquidação sumaria de alguns homens, diz-se que por meio de envenenamento.

Calcule-se que estragos causariam vinte ou trinta mulheres a intoxicarem o proximo, quando tantas vezes basta uma só para nos envenenar a existencia.

Uma mensagem

CONSTA na Camara que os deputados silenciosos, aqueles que só falam quando têm qualquer coisa a dizer, pensam em dirigir uma mensagem aos seus colegas considerados «azes» do discurso de geração espontanea e que são, entre outros, os srs. Pires Monteiro, Agatão Lança, Tavares de Carvalho e Carvalho da Silva.

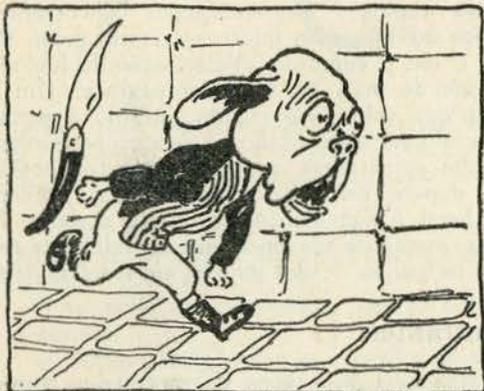
Mais consta que essa mensagem preconisaria, para uso dos trabalhos parlamentares, o sistema Singer ou seja o das maquinas silenciosas, lembrando aos torrenciais oradores que

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais...

unicamente para exprimir pensamentos e exprimer ideas.

O MELRO.

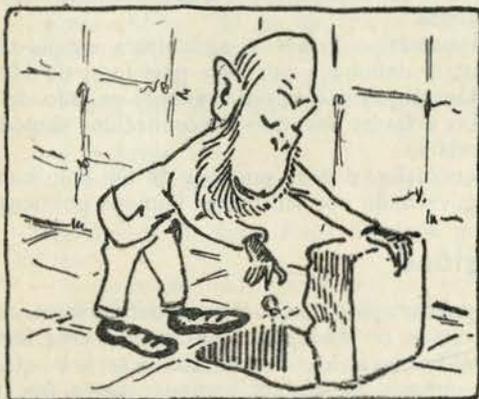
O feiticeiro (Conclusão)



O ladrão, julgando que era dele que o feiticeiro falava, largou a correr, espavorido, para junto dos companheiros, que, por sua vez, vieram de mansinho escutar á porta.



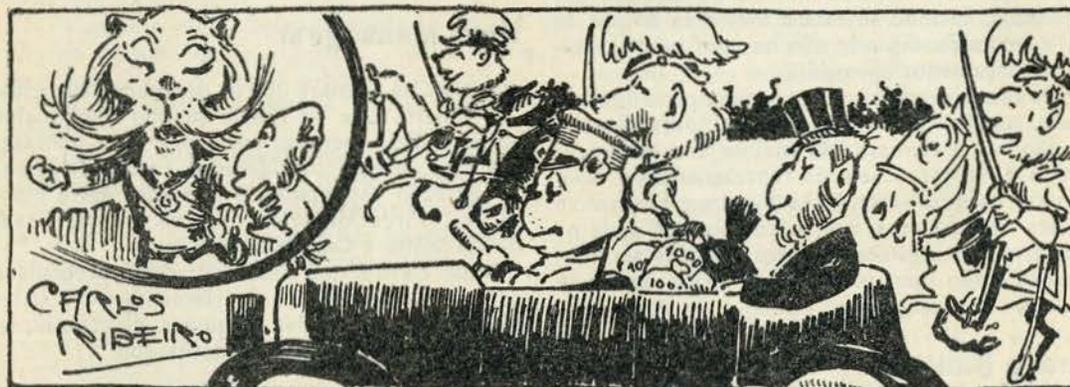
«— Isto vae bem! dizia *Caracol* lá dentro. Cá estão os dois que faltavam...» Os cumplices não quiseram ouvir mais. Entraram no carcere e lançaram-se aos pés do espertalhão



pedindo-lhe pelas alminhas que os não denunciasse. E entregaram-lhe o anel e uma quantia graúda para garantir o seu silêncio. O outro, que não queria crêr o que ouvia, foi guardando as duas coisas e



depois de os ter mandado em paz com uma severa reprimenda, tratou de esconder a joia num canto da prisão. E, no dia seguinte, quando o Rei com a princeza, veio saber o resultado das suas mágicas reflexões, entregou-lhes, triunfante,



o precioso anel. Satisfeitíssimo, o Rei passou toda a tarde com o nosso heroe, passeando pelos jardins do Paço. A certa altura mostrando-lhe a pata fechada perguntou-lhe o que ela escondia. Mestre *Caracol*, apanhado de surpresa, só poud murmurar: «— Ai! *Caracol*, agora é que fôste caçado!» E era um caracol que o Rei tinha apanhado.

E assim o «feiticeiro» regressou a penates carregado de presentes e de honras.

E digam-me agora se não haverá, entre os homens, reputações assentes em tão sólidas bases como a do nosso *Caracol*?



(Continuação do n.º 2)

CAPITULO III

Legiões

As legiões em Portugal são sete, como os pedacinhos mortais e as côres do arco-iris, a saber:

Legião Roxa. — Composta de bebados que se entretêm fazendo explodir palavrões na via pública. Inimigos da água que não seja ardente, as suas medidas de ataque são o litro e o meio litro.

Pela simples razão de andarem sempre aos bordos, ninguém se lembrou ainda de os meter a bordo.

Legião Anilada. — Constituída por mancebos que hesitam entre os dois sexos, por uma questão de comodidade e moda.

Têm pela mulher o horror que a Natureza tem ao vacuo. Vivem em colónias, dirigidos por um chefe, o mais *bela-kun* de todos provavelmente. A sua arma é o *bon-bon*. Faceis de apanhar á traição, deveriam metelos num bergantim com destino a Napoles...

Legião Azul. — (Já um pouco desbotada). Resto de maior quantia. O grosso foi-se passando á sucupa para a côr que melhor lhe dizia ao parecer.

Usam a bomba *aspirante-premente*. A Republica resiste á *pressão* e vae deixando que eles *aspirem*. Vivem em *centros*, como a fruta, e não são deportáveis.

Legião Verde. — A maior de todas. Não ha formigueiro que se lhe compare. A sua arma é a *artelharía civil*. Chamam-lhe a mais *avançada* por ter *avançado* sobre tudo quanto tinha que roer. Cada *legionario* tem o seu ideal: um emprego chorudo, as horas todas livres e uma pistola F. N. Posta a bordo, ficariam apenas em terra as crianças de peito, o leitor e mais meia duzia de malucos como eu.

Legião Amarela. — Vadiagem engravatada que passa as 48 horas de descanso diario, á porta dos Cafés, pejando os passeios e dirigindo ás mulheres dos outros as chufas indecorosas que os outros dirigem ás mulheres deles.

São o principal motivo decorativo das ruas da Baixa. Um imposto lançado sobre cada obscenidade que proferem em voz alta, pagaria a divida externa e poria a libra a tostão.

Não os empandeiram para a Africa por moralidade: não ha o direito de fazer córar os negros.

Legião Alaranjada. — A que nos tem posto a pão e laranja. Opéra por envenenamento, e, das suas victimas, só aproveita o esqueleto. E' a que faz o *pãosinho* com gesso de presa, o chouriço com anilina, o leite com *chi-chi* de vaca e o presunto fiambre com botas velhas de elastico.

Fundadora da *Sociedade de Propaganda contra a Tuberculose*, tem, de vez em quando, rasgos de *generosidade* para se lhe não acabar a freguesia.

Mandados para a Guiné, reapareceria a escravatura. A grande medida seria mete-los a bordo, debaixo dos carregamentos de bacalhau que eles deixam apodrecer de preferencia a baixarem lhe o preço.

Legião Vermelha. — Obra de todas as outras. Ha mães que horrorisadas pelos abortos que deitam a este mundo, estrangulam os filhos á nascença ou metem-os, aos bocados, na pia. Assim se fez, assim se fará sempre...

RUY VAZ.



Na espinha...

Trecho dum dialogo, trocado entre um democratico e um nacionalista

O nacionalista — Como estás?

O democratico — Na espinha!

O nacionalista — Não parece. Estás gordo, córado...

O democratico — Na espinha é que eu estou. Não é o partido democratico a espinha dorsal da Republica? Logo, se estou no partido democratico, estou na espinha!

O nacionalista — Que diremos nós... sempre na opposição!

O democratico — Não estão nada mal. O Alvaro de Castro ainda por cá deixou alguns reconstituintes para vocês se fortalecerem.

O nacionalista — Mas o partido democratico sempre será a espinha da Republica?

O democratico — Sim, senhor. Porque é que se chamam espinhosos todos os logares que rendem boa maquia? Porque são para a rapaziada da espinha, ou seja do partido democratico.

O nacionalista — Nesse caso vou entrar para a espinha.

O democratico — Não tem logar. Estão tomados todos os ossos. Tomados e roídos...

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metrópole e a África Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos de África Ocidental e Oriental

Saídas de Lisboa em 15 de cada mês para todos os portos da África Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a África, unicamente para carga

FROTA DA COMPANHIA PAQUETES

«Nyassa».....	8965 Ton.	«Luabo».....	1385 Ton.	} Serv. de cabotag.
«Angola».....	8305 »	«Chinde».....	1382 »	
«Lour. Marques»..	6355 »	«Manica».....	1116 »	
«Moçambique»...	5771 »	«Bolama».....	985 »	
«África».....	5491 »	«Ibo».....	884 »	
«Pedro Gomes»...	5471 »	«Ambriz».....	858 »	

VAPORES DE CARGA

«Cubango», 8300 ton. — «S Tomé», 6350 ton. — «Cabo Verde», 6200 ton. — «Dondo», 6000 ton. — «Congo», 5080 ton.

REBOCADORES NO TEJO

«Tejo», «Cabinda» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, luz eléctrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e cómodas.

Escritórios da Companhia { **Lisboa:—Rua do Comércio, 85.**
Porto:—R. da Nova Alfandega, 34.

ANVERS, Eife & C^o, Quaisvan Dyck, 10. — HAMBURGO, — Informações — Tesouraria e Passagens — Commissariado e Serviços Médicos — Engenheiros (Cais da Fundação) — Cais da Fundação — Depósito e Armazens.

Telefones: — P B X 2365 a 2370 — Administração — Chefe do Expediente — Informações — Tesouraria e Passagens — Commissariado e Serviços Médicos — Engenheiros (Cais da Fundação) — Cais da Fundação — Depósito e Armazens.

Companhia de Moçambique

Governo do Território do Manica e Sofala

SÉDE-L. da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

COMITÉ DE PARIS

Thames House — Queen Street Place - 17, Boulevard Haussman

LONDON, E. C.

PARIS

Movimento Comercial em 1923

Importação ...	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação ..	6.560.358\$00	» »
Reexportação .	21.331.648\$00	» »
Baldeação ...	6.145.418\$00	» »
Trânsito	9.999.619\$00	» »
Cabotagem ...	2.201.151\$00	» »
Total ..	50.612.567\$00	» »

PAPEIS DE FUMAR

ZIG-ZAG

Os melhores papeis do mundo

Double — Simples — Alcatrão

— Ramsés — Ambrée

Ponta Dourada

Acabam de chegar

PREÇOS OS MESMOS

Pedidos á

CASA HAVANEZA

124, RUA GARRETT, 124

LISBOA

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13:500.000\$00

SÉDE - Rua do Comercio, 148

LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamégo, e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES: — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores, e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

A Trovoada . . .

O Congresso Democratico exprimiu o voto de que fosse chamado o sr. Afonso Costa a organizar o primeiro governo. Mandaram-lho dizer. A primeira vista o sr. Afonso Costa ficou muito espantado. Não tinha havido banquete algum, onde esta lembrança do seu nome ressoasse ao *toast*.
 . . . A que viria pois aquela exigencia? E expediu imediatamente o seguinte telegrama:

Germano Martins. — Lisboa.

Explica deliberação congresso, solicitando governo minha presidencia.

O logar-tenente respondeu:

Afonso Costa. — Paris.

Aquilo é para disfarçar. Quando não se entendem, apelam para ti.

Porque eles bem sabem que a unica coisa que conseguem é fazer-te ir á Serra. Se tanto fôr preciso vais á Serra e voltas para Paris, que eles já ficam satisfeitos. Não creias em manifestações. Vê lá o Victorino. Deram-lhe a maior votação do Congresso, para vir a ser colhido pelas manobras do menos votado.

O estadista replicou:

Germano Martins. — Lisboa.

Prepara opinião, imprensa e amigos para eu poder dizer que não, sem perigo de cataclismo nacional. Aguardarei momento oportuno. Façam um terramoto, arrazem Lisboa, declarem guerra ao mundo inteiro ou equilibrem o orçamento, estabeleçam uma ordem solida, desterrem o Cunha Leal e desmemoriem todo o povo portuguez . . . e depois veremos.

Na hora da agonia . . . do governo

Germano expede:

Afonso Costa. — Paris.

Caiu o governo. Vais ser chamado.

O Chefe replica:

Germano Martins — Lisboa.

Acabo de falecer. Vou embalsamar-me.

Afonso Costa.

O Novo Ministério (ultima hora)

Por consenso unanime:

Já há um ministro para o novo governo, seja ele organizado por quem fôr: o sr. Tavares de Carvalho. Pasta: a da Instrução . . . Militar Preparatoria.

Quanto ao resto do elenco: Afonso Costa *super omnia* . . .

A CRISE

O ultimo numero do Espectro teve o condão de agoirar a vida do governo. Desenhámos o sr. Victorino Guimarães nas trez fases de maximo, medio e minimo, e eis que já neste numero temos de anunciar aos leitores que o sr. Vitorino Maximo está completamente esvasiado!

Na impossibilidade de comentarmos o actual momento politico, por carencia de elementos de informação, solicitámos algumas opiniões de distintos ornamentos do jornalismo e da politica, que gentilmente acederam ao nosso convite.

Seguem as opiniões:

Esta Republica demagogica já vae na 1478.^a crise. Como resolve-la? Pela integração do *espírito da raça* na dinamica nacional, insuflando o *sopro animico* do Passado nas correntes hesitantes do futuro. (*Vidê Manual Politico, pag. 1878*). E ou se faz isto, assentando nas bases duma *politica europeia* que produza a concentração cinetica das forças patrioticas, recalçando para o fundo das sargetas o *lodo dos politicos*, ou então Portugal vae á vela, e eu, na minha função de contador da Boa Hora, terei de contar eternamente as crises ministeriais.

Entretanto, o *bolchevismo avança*, a Igreja *continua oprimida*, o sr. Pereira da Rosa *não é chamado a formar governo* e o sr. José Domingues dos Santos *não deixa de praticar a suprema ignominia de fumar charuto e usar na lapela um cravo vermelho* — um cravo da cor do sangue. Que descaramento e que provocação!

Trindade Coelho.

□ □ □

O que interessa é o aspecto moral: — A crise só será bem resolvida se a Igreja novamente lançar a sua asa protectora sobre este desgraçado paiz. E não se esqueçam que nesse dia o sr. Fernando de Souza será enforcado . . .

Lino Neto.

□ □ □

Monarquia? Ora adeus! Eu falo em monarquia e digo que sou monarchico só para arrelhar o Sá Pereira, meu querido amigo. O que eu quero, o que é indispensavel para lançar o paiz no caminho da prosperidade, é triplicar, decuplicar, centuplicar o coeficiente das rendas de casa. É este o meu programa de salvação nacional.

Carvalho da Silva.

□ □ □

O *Diario de Lisboa* só tem atitudes claras em face dos problemas publicos. Os seus quatro anos de existencia o provam. Como resolver a crise ministerial? E' muito simples. Nomeando um novo governo. De que partido? Do democratico ou do nacionalista, no caso de não poder ser do bloco, nem acionista. Aí está a nossa opinião, ditada com o desassombro que é nosso timbre. Evidentemente, ha uma outra hipotese: a dum governo monarchico. Mas, para isso, é preciso primeiro derrubar a Republica. A nossa opinião a tal respeito? Terminante, categorica: as virtudes da raça sempre se afirmaram nos momentos de crise. Ha ainda que considerar a probabilidade dum governo revolucionario. Desde já afirmamos sobre esse ponto o noss juiço, com a claresa de sempre: se as revoiuções são más, os governos constitucionais não são melhores. Por outras palavras: se o sr. Vitorino Gaimarães é bom, o sr. Filomeno da Camara tambem não é mau.

Joaquim Manso.

□ □ □

A unica solução está na dissolução . . . dada aos nacionalistas. Já se sabe o resto. Vem depois uma revolução, faz-se a união sagrada dos partidos, os democraticos voltam ao poder, nós continuamos a reclamar a dissolução para vir depois nova revolução, etc., etc. O que nunca mais vem é o arroz que eu comprei em Espanha.

Augusto de Vasconcelos.

As nossas "Estrelas"



"La Bonza" estrela famosa,
Que ha pouco fez um sucesso,
Cantando, com voz fanhosa,
"Chega-te a mim" - no Congresso.



E' mexida e resoluta
"Dominguitas, La Canhota",
Mas cada vez que debuta,
Debuta e logo dá bota.



"La Cunha Leal", estrela
Castiça, nacionalista.
Ha quem já não possa vê-la,
Por já estar vista e revista.



Bailarina e cupletista
Nos moldes da velha escola,
"La Camachita" é artista
Que as outras todas "enrola"



"La Castro" em bailes-canções
Produz trabalho luzido,
Mas cá nisto de eleições
Não tem um grande partido.



"La Bela Afonso", entre "olés",
E' estrela-mór do Paiz! -
Mas raspa-se a sete pés,
Diz que só canta em Paris ...

Isto não é um concurso, como o do "Diario de Lisboa", é uma experiencia. A vêr se alguém tem coragem de votar em qualquer destas lambis ... Goyas.